

## A Cidade do Conhecimento

---

---

### Resumo

O advento e a expansão das novas tecnologias da informação e da comunicação têm trazido consigo o debate sobre as necessidades e as possibilidades de sua socialização no contexto de sociedades sob diversos títulos marcadas pelas desigualdades.

O que se denomina hoje de emancipação digital aglutina diferentes esforços no sentido de evidenciar ações concretas de inclusão sociocultural através especialmente dos meios digitais.

Responsável pela concepção do projeto Cidade do Conhecimento, o seu atual coordenador Gilson Schwartz vem pesquisando e concretamente dimensionando estratégias e estudos a respeito exatamente da emancipação digital.

Publicou, entre outras obras, *John Maynard Keynes*, São Paulo, Brasiliense, 1984; *Humanização das Cidades*, São Paulo, Economia Intra-Urbana e Emprego, Escola Nacional de Habitação e Poupança, 1983; *Decifre a Economia*, Ed. Saraiva, 1994 e *Lições da Economia Japonesa*, Ed. Saraiva, 1995.

A entrevista a seguir dá conta dos caminhos andados até agora pelo referido projeto bem como dos pressupostos que o orientam.

**NO: Cidade do Conhecimento é basicamente um projeto universitário de intervenção social?**

**GS:** A Cidade do Conhecimento começou, foi “incubada”, como um

projeto universitário, mas desde o início foi pensada como uma nova modalidade de cidadania, portanto como algo mais que um projeto universitário. É um projeto, imodesto, para o país. Um projeto de conectividade com base em redes de projetos envolvendo instituições de ensino e pesquisa, entes governamentais, empresas privadas e o chamado “terceiro setor”. Esse modelo quadripartite de projetos em rede de fato tem sido adotado de modo cada vez mais explícito em políticas públicas no Brasil e no exterior. A Cidade do Conhecimento foi um projeto pioneiro, num momento em que se falava muito em “sociedade da informação” (final dos anos 90 do século passado) foi apresentada a proposta de uma nova cidadania com base em produção compartilhada do conhecimento, em socialização dos meios de produção de informação, comunicação e cultura. McLuhan com Habermas.

**NO: Qual o papel das novas tecnologias na definição da peculiaridade desse projeto?**

**GS:** Desde o início nosso foco crítico é a ideologia da “inclusão digital”. Trabalhamos com outra ideologia, a de uma possível “emancipação digital”. As tecnologias são meios, multimeios, combinados em redes cujo sentido depende da identificação de projetos relevantes buscando a solução de problemas sociais, educacionais, tecnológicos, culturais e econômicos. A peculiaridade dessa emancipação está no caráter interativo das novas tecno-

**Gilson Schwartz** é Doutor em Economia, professor e pesquisador junto ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e coordenador do projeto Cidade do Conhecimento.

logias. Explorar a usabilidade ou o que alguns especialistas denominam de “design da interação” é um dos aspectos peculiares do projeto, mas a ênfase está na emancipação, mais que na digitalização. É um problema de consciência, coletiva, das novas possibilidades de controle de meios de produção de informação e conhecimento.

**NO: A perspectiva didático-pedagógica que sustenta essa relação entre educação-conhecimento-tecnologias digitais está conceitual e teoricamente apoiada em outros estudos e práticas semelhantes?**

**GS:** É uma perspectiva que tem bebido em várias fontes, a começar do nosso grande mestre, Paulo Freire. O primeiro artigo que escrevi para o Redemoinhos, nosso informativo, tinha como título “Paulo Freire Digital”. Aos poucos, com a consolidação de um grupo de pesquisa associado ao projeto (estamos no Lattes, com aval da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP), outras fontes foram incorporadas, na medida em que pesquisadores, professores, consultores e alunos de graduação, mestrado e doutorado tornaram-se “cidadãos” dessa rede de redes. Citar uma lista de autores aqui seria enfadonho e talvez presunçoso, mas é inevitável fazer referência a alguns nomes como Castells, Boltanski, Pierre Lévy (a quem nos associamos na criação de uma rede internacional de pesquisa sobre inteligência coletiva) e outros, talvez menos badalados, mais próximos a pesquisas empíricas sobre usos e abusos da internet e dos novos meios.

**NO: O eixo de vinculação do projeto com cidadania através da preocupação com a inclusão digital assegura que é um projeto ligado às perspectivas de responsabilidade social também das universidades públicas?**

**GS:** É preciso abandonar essa obsessão propagandística com a

“inclusão”. Incluir o quê, com quem e para quê? Distribuir computadores baratos é incluir em que cadeia produtiva? Daí nossa opção pela idéia de emancipação. A universidade pública está sendo vilipendiada e violentada há décadas no Brasil. A proposta de criar redes mediadas por universidades públicas, onde ocorre pesquisa e pensamento crítico, é tão ideológica quanto a de fazer uma “inclusão digital” que se resume a criar mercado para corporações da mídia, da informática e das telecomunicações. Está em jogo o direito à comunicação e o papel da universidade pública na defesa de direitos humanos é uma perspectiva que sem dúvida resulta de nossas lutas históricas em defesa do próprio interesse e dos espaços públicos.

**NO: Quais estratégias didáticas serão utilizadas de forma a garantir um conhecimento e um saber como o acadêmico e científico se dimensionem para sua comunicação junto a um grande público? Que informações prévias existem sobre esse grande público?**

**GS:** Ainda não chegamos ao grande público, embora a estratégia de comunicação e marketing da Cidade do Conhecimento seja muito bem sucedida, especialmente frente aos padrões de comunicação nos projetos de extensão existentes. O fato é que a mídia dá mais espaço, de forma sistemática, a um Orkut, a projetos comerciais, vinculados a interesses opacos. É um jogo de cartas marcadas. Os jornais preferem noticiar o próximo show da banda grunge incensada em algum fanzine londrino a dar prioridade na pauta aos projetos nacionais de desenvolvimento cultural e emancipação social. O social, se já não é caso de polícia, ainda é no Brasil um assunto para ser tratado como algo exótico. As fragilidades das políticas públicas obviamente colaboram nessa geléia geral de estratégias vitoriosas de adoçamento do grande público. A Cidade do Conhecimento tem como

estratégia didática a formação de comunidades de prática com lideranças, professores e educadores, dirigentes públicos com alguma capacidade de executar projetos de longo prazo, que não tenham como horizonte a próxima eleição ou a visibilidade da ponte ou da mais nova construção de “centro cultural”.

**NO: Através dessas redes digitais e midiáticas, quais amplitudes o projeto visa alcançar?**

**GS:** Há 5 anos, falar em redes sociais e redes de projetos era algo novo. Hoje essa abordagem foi incorporada ao discurso oficial, aos editais, às agendas de ONGs e empresas. O fato é que a sociedade em rede, a sociedade que se organiza precariamente em função de projetos, avança a passos rápidos. Muito mais rapidamente que a capacidade de uma universidade pública responder, mesmo criticamente, à evolução dos acontecimentos. Na Cidade do Conhecimento, nossa ambição é avançar nas formas de extensionismo, mas também na prática de novas modalidades de aprendizado nas organizações e na sociedade e, por fim mas não menos importante, contribuindo para uma fortuna crítica, para a construção de indicadores, de métricas, que sistemas de avaliação capazes de romper com o marketing da “inclusão digital”. Um resultado importante foi a nossa participação no Relatório de Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação da Fapesp, cujo capítulo 10 pela primeira vez trata de redes digitais e tecnologias de informação e comunicação. É preciso avançar mais no debate de indicadores, metodologias e sistemas de avaliação. O FUST tem mais de R\$ 3 bilhões em caixa e, se um dia esses recursos começarem a ganhar a luz do dia, será estratégico contar com redes de pesquisa e discussão, sobretudo nas universidades públicas, capazes de fazer a crítica da economia política das telecomunicações.

**NO: Knoware e Spin no que se propõem e se distinguem como projetos da Cidade do Conhecimento?**

**GS:** “Knoware” foi o termo que inventei para descrever, no projeto apresentado em 1999 ao Instituto de Estudos Avançados, a realidade com a qual esse tipo de rede de projetos lida o tempo todo: mais que hardware ou software, está em jogo uma redefinição de nossas consciências do espaço e do tempo, da territorialidade e da historicidade, na medida em que essas novas formas de controle e cooptação entram em funcionamento na sociedade em rede. O trocadilho remete simultaneamente à importância do conhecimento na organização de hardwares e softwares para o desenvolvimento de projetos (ênfase que apenas recentemente ganhou mais destaque nas estratégias públicas e privadas em todo o mundo) e ao fato de que a rede é um “nowhere” (lugar nenhum), como diz a frase na Praça do Relógio da USP, no mundo da cultura o centro está em toda parte, ou seja, não haveria propriamente um centro (o que não é fato, mas uma possibilidade real que depende da nossa capacidade de mobilização e apropriação das novas tecnologias). Quanto ao “SPiN”, lançamos em 2003 o desafio estratégico de sair de São Paulo, de promover “spin offs” da Cidade do Conhecimento em outras regiões do país (em políticas científicas e tecnológicas, o “spin off” é o desdobramento, fora da universidade ou centro de pesquisa, de idéias, projetos ou modelos desenvolvidos experimentalmente). Apesar das dificuldades, o desafio foi vencido e hoje a Cidade do Conhecimento é uma construção com parceiros em vários estados do Brasil, sobretudo no Nordeste e Centro-Oeste, em regiões de baixo IDH ou com problemas agudos de desigualdade na distribuição de riqueza e poder.

**NO: Quais perspectivas motivam hoje a continuidade do Projeto da Cidade do Conhecimento?**

**GS:** Estamos em processo de institucionalização na USP e nas relações com parceiros fora da universidade. Por se tratar de um projeto de emancipação digital, a motivação vem precisamente desse amadurecimento de conexões internas à USP, com outras universidades e com uma variedade de entes e atores comprometidos com a mudança social e política em nosso país. Para um projeto que começou apenas como um estudo sob o Instituto de Estudos Avançados da USP, a consolidação da proposta de uma nova rede pública de conhecimento é a confirmação de uma hipótese e a grande fonte de animação.

**NO: Na experiência da Cidade do Conhecimento, como o processo tecnológico renova o conceito acadêmico de educação?**

**GS:** Cito o artigo sobre Paulo Freire, que publiquei na Cidade do Conhecimento em 2001 (disponível em <http://www.cidade.usp.br/arquivo/artigos/index0101.php>):

“No encontro que começa a acontecer entre educação e tecnologia na sociedade contemporânea, há três desafios considerados prioritários. Podemos resumir esses desafios em três conceitos: interação, comunidade, informalidade.

A interatividade é uma idéia relativamente generalizada, mas que em poucas situações ocorre de fato. Para muitos especialistas, o e-mail continua como a “killer app” (a aplicação matadora), uma ferramenta já antiga mas que serve às principais exigências da comunicação. A forma é nova, mas a prática é tão antiga quanto trocar cartas. Além do mundo do e-mail, técnicos e críticos continuam em busca de um ambiente, de um instrumento, de uma tecnologia que faça justiça às promessas de interatividade trazidas pela Internet.

Será a televisão algum dia mais interativa, além do processo banal que

vemos em programas do tipo “Você Decide” ou “escolha o filme da próxima semana”? Qual o sentido das inúmeras possibilidades de personalização de sites, jornais e outros serviços de informação? Até que ponto essas tecnologias são interativas, até que ponto nada mais são que ferramentas de marketing, instrumentos de rastreamento de preferências, como no Ibope que serve de guia para um apresentador de TV prolongar ou retardar uma atração que está sendo apresentada ao vivo?

A idéia de comunidade resume outros desafios. Aliás, a Internet começou como uma comunidade de pesquisadores trocando informações sobre projetos numa rede de universidades norte-americanas, patrocinada pelo establishment militar interessado na aceleração e na segurança desses projetos. Experiências como o “Well” (poço) também fizeram muito sucesso, antecipando a generalização posterior das salas de bate-papo.

Mais recentemente, a engenharia de comunidades tornou-se também uma espécie de Meca dos desenvolvedores de websites e projetos educacionais na Internet. Instrumento de marketing, a formação de comunidades não passaria, desse ponto de vista, de uma forma sofisticada de serviço de atendimento a clientes ou a fornecedores.

Finalmente, a informalidade tem sido valorizada, novamente um conceito antigo (nada mais informal que um grupo de adolescentes metido numa garagem criando uma empresa de alta tecnologia em algum lugar da Califórnia) que boa parte dos estrategistas da nova economia tecnológica adoraria transformar numa arma de competição por mercados e consumidores. Nos debates, pesquisas e publicações dos últimos anos, esse desafio tem sido associado à noção de “conhecimento tácito” - ou seja, à possibilidade de capturar novas idéias, sentimentos, anseios que não estão “explícitos”, codificados, registrados e devidamente mensurados.

Esses três desafios, presentes no mundo da alta tecnologia de informação e

comunicação, tornam-se ainda mais urgentes quando se trata de educação, em especial de educação a distância.

Qual escola, qual website voltado à educação não gostaria de promover formas de conexão mais interativas, propícias à transformação dos “clientes”, alunos, pais de alunos, numa comunidade capaz de criar uma experiência muito mais

rica do que a mera transmissão formal de conhecimento?

É nesse momento que as idéias de Paulo Freire tornam-se atuais, pois o seu modelo pedagógico, a sua visão do processo de aprendizado é sustentada exatamente por esse tripé: interatividade, comunidade e informalidade.